

# As práticas informacionais na construção da identidade transgênero

*Informational practices in the construction of transgender identity*

**Elton Martires Pinto**

Doutor em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília – UnB; Pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Brasília, DF, Brasil.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1348-4185>  
E-mail: [eltonmrs@gmail.com](mailto:eltonmrs@gmail.com)

**Fernando César Lima Leite**

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília – UnB; Professor associado da Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1998-2385>  
E-mail: [fernandodfc@gmail.com](mailto:fernandodfc@gmail.com)

## Resumo

Pessoas transgênero têm necessidades, comportamentos e práticas informacionais específicas. Este artigo apresenta a relação entre as práticas informacionais de mulheres transgênero e suas percepções sobre suas identidades de gênero. Metodologicamente, baseia-se em um modelo conceitual, utiliza abordagem qualitativa e propósito descritivo. A amostra, por sua vez, foi composta por mulheres que se consideram em processo de transição de gênero e a técnica utilizada foi a bola de neve. Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas e, em seguida, analisados por meio de codificação temática. Destacam-se como resultados principais que: as necessidades de informação e as práticas empregadas durante os processos de busca, acesso e uso estão associadas e são influenciadas por questões de saúde, construção cognitiva e física, bem como pela disseminação de conhecimentos para outras pessoas que estão passando pelo mesmo processo. Dessa relação com a informação, as mulheres passam a visualizar a construção de suas personalidades, corpos e, por fim, identidades.

**Palavras-chave:** mulheres transgênero; práticas informacionais; identidade de gênero.

## Abstract

Transgender people have specific information needs, behaviors and practices. This article presents the relationship between the informational practices of transgender women and their perceptions of their gender identities. The methodological framework is based on a conceptual model, using a qualitative approach and with descriptive purpose. The sample was composed of women who consider themselves in the process of gender transition and the snowball technique was used. Data were collected using semi-structured interviews and then analyzed using thematic coding. The main results are that information needs and the practices used during the search, access and use processes are associated and influenced by health issues, cognitive and physical construction, and the dissemination of knowledge to other people who are undergoing the same process. From this relationship with information, women begin to visualize the construction of their personalities, bodies and, finally, identities.

**Keywords:** transgender women; information practices; gender identity.

## 1. Introdução

Indivíduos não existem alheios à informação. Nesse sentido, todos têm necessidades e comportamentos diferenciados quando estão envolvidos com informação. Tais comportamentos podem ser influenciados por diversas questões e existem tanto no estado cognitivo como no físico e social (Saracevic, 2009). Oriundo dos estudos de uso/usuários da informação, o comportamento informacional, de acordo com Wilson (2000), diz respeito ao comportamento humano empregado durante a interação com canais e fontes de informação, sobretudo no tocante à necessidade, busca e uso. As práticas informacionais, por sua vez, são entendidas como uma representação da busca e uso da informação pautados na "relação informacional", ou seja, influenciada por interações sociais (Berti; Araújo, 2017).

Neste contexto, é natural que surjam necessidades de informação associadas ao meio social e às interações dos indivíduos, como gestantes que precisam de informações sobre maternidade; pessoas diagnosticadas com câncer, sobre oncologia; mulheres transgênero, sobre o processo de transição de gênero e/ou identidade.

A identidade de gênero de mulheres que se autodeclaram em trânsito identitário de gênero não corresponde, de modo algum, ao gênero designado no nascimento. Sendo assim, essas mulheres vivem "experiências" entre o gênero atribuído e o gênero do qual se sentem pertencentes. Esse emaranhado de experiências pode suscitar questionamentos relacionados à gênero, expressão de gênero, identidade de gênero, sexualidade, entre outros.

Do ponto de vista sociológico, gênero, expressão, identidade e sexualidade são construções sociais. No tocante à identidade de gênero, Butler (2003) destaca que é a percepção da construção social/cultural do que significa pertencer ao gênero masculino/feminino. Para esta pesquisa, entende-se que a percepção da identidade de gênero é influenciada pelo meio social e apoia-se em comportamentos informacionais, isto é, a partir das necessidades de informação, mulheres transgênero engajam-se em comportamentos de busca, acesso e uso da informação sobre o tema.

## 2. Revisão de literatura

### 2.1 Comportamento de indivíduos em relação à informação

No campo da Ciência da Informação (CI), estudos de como os indivíduos se comportam quando têm necessidades e empregam comportamentos de busca e uso existem desde a década de 1940 (Choo, 2006), mas foi somente em 2000 que Tom Wilson definiu como comportamento informacional toda a totalidade do comportamento humano em relação às fontes e canais de informação, incluindo busca ativa e passiva e também o recebimento passivo de informação (como assistir a programas de televisão sem intenção de extrair algo daquilo).

Ademais, o comportamento informacional abrange estratégias empregadas pelos indivíduos quando estão envolvidos com canais/fontes de informação. Essas estratégias, compreendidas como processos ou etapas, estão associadas a efeitos cognitivos, temporais, culturais e sociais (Saracevic, 2009; Case; Given, 2016).

Segundo Choo (2006), esses comportamentos têm sempre um propósito. Uma vez que os indivíduos têm necessidades de informação, eles podem empregar (ou não) estratégias de busca e uso. Para que esse processo avance, esses indivíduos devem ser capazes de formular uma necessidade e, posteriormente, empregar estratégias de busca, acesso e uso da informação.

Embora uma necessidade de informação tenha sua origem no cognitivo de um indivíduo, Saracevic (2009) advoga que elas existem também no estado social. Isso porque pessoas com características em comum têm necessidades e empregam comportamentos semelhantes em relação à busca, acesso e uso da informação.

Em um segundo nível, a busca da informação diz respeito a um conjunto de processos e estratégias empregados pelos indivíduos na interação com canais e fontes de informação (Saracevic, 2009). Sob essa ótica, a busca deixa de ser apenas consequência de uma necessidade e se transforma em algo que evolui ao longo do tempo, de acordo com as experiências e o tempo de vida dos indivíduos. Ainda para Choo (2006), a busca é um processo humano e social, pois é por meio da busca que os indivíduos têm acesso a informações que podem contribuir para suas vidas pessoais, acadêmicas e profissionais.

O uso da informação, de acordo com Taylor (1986), deve ser classificado conforme sua finalidade: 1) Esclarecimento: a informação é utilizada para dar significado a uma situação; 2)

Compreensão do problema: a informação é utilizada para permitir o melhor entendimento de um problema; 3) Instrumental: a informação é utilizada para que o indivíduo saiba o que fazer e como fazer; 4) Factual: a informação é utilizada para determinar os fatos oriundos de um acontecimento; 5) Confirmativa, a informação é utilizada para verificar outra informação; 6) Projetiva: a informação é utilizada para prever o que pode acontecer no futuro; 7) Motivacional: a informação é utilizada para direcionar o indivíduo em determinado curso de ação; 8) Pessoal/Política: a informação é utilizada para criar relações, promover reputação ou satisfação pessoal.

As práticas informacionais, por sua vez, retomam a ideia do modo de agir no qual o agente, a ação e o produto são intrinsecamente ligados e indissociáveis. De acordo com Araújo (2017), em tal abordagem há uma progressiva aproximação ao que é propriamente humano nos usuários de informação (capacidade imaginativa) e a dimensão coletiva. Nesse sentido, a interação na busca, seleção e apropriação da informação tem origem no meio social e é influenciada por diferentes contextos.

Sendo assim, a informação deve ser considerada associada ao mundo em que as pessoas vivem e dão sentido às suas ações, isto é, as questões devem ser direcionadas ao contexto e não à forma de pensar dos indivíduos. Por isso, Berti e Araújo (2017) argumentam que o estudo de como os sujeitos produzem seus significados permite uma análise sociológica, em que a informação é compreendida a partir das relações de construção interpretativa (experiências pessoais) e dimensão intersubjetiva (interações múltiplas).

## **2.2. Identidade e transgeneridade: breve contextualização**

Embora pesquisas sobre LGBTQ+ estejam sendo realizadas com frequência no campo da CI, Adams e Pierce (2006) pontuam que há ainda uma seleção dentro dessas comunidades e poucos são os estudos sobre pessoas transgênero. Portanto, faz-se necessário visitar alguns conceitos sobre gênero antes de relacioná-los com as práticas de informação dos indivíduos.

Num primeiro momento, deve-se discutir o conceito de identidade. Silva (2009) entende identidade como o que caracteriza/difere os sujeitos. Além disso, pode ser algo natural, dado pelo Estado. Nesse contexto, exclui os sujeitos cujas identidades não estão socialmente construídas ou definidas, como é o caso de grande parcela da população transgênero.

Dessa forma, Dubar (2005) considera que a identidade dos sujeitos não pode ser designada no nascimento. De acordo com o autor, a identidade humana é construída na infância e reconstruída ao longo da vida a partir de percepções, orientações e definições dos próprios sujeitos, bem como do juízo de valor atribuído por outros indivíduos. Assim, a (re)construção da identidade pode ser vista como produto de sucessivas socializações dos indivíduos.

Nesse contexto, Castells (1999) afirma que a identidade é uma construção de significados com base em atributos culturais. Isto é, é uma construção social fundamentada na cultura. Assim, é comum que sociedades diferenciem os indivíduos e os grupos de indivíduos com base em classificações. Rosaldo (1979), por exemplo, destaca que todas as sociedades conhecidas elaboram e admitem diferenças entre os gêneros.

No tocante à transgeneridade, apesar de não ser um fenômeno recente, tem ganhado visibilidade nas últimas décadas. Para Maranhão Filho (2012), a transgeneridade é um conceito guarda-chuva para caracterizar pessoas que se autodeclaram em trânsito identitário de gênero. Tais pessoas podem vivenciar experiências entre os gêneros, visto que tiveram um gênero designado na gestação/nascimento e se identificam com outro, vivendo experiências de designação e verificação.

Portanto, apoiados em experiências de designação e verificação, indivíduos transgênero apoiam-se em práticas informacionais para se expressar e construir suas identidades de gênero. Vencato (2003) pontua ser comum que mulheres transgênero usem cabelo longo, realizem implantes de silicone etc., e os homens transgênero cortem o cabelo e façam mastectomia (cirurgia para remoção dos seios).

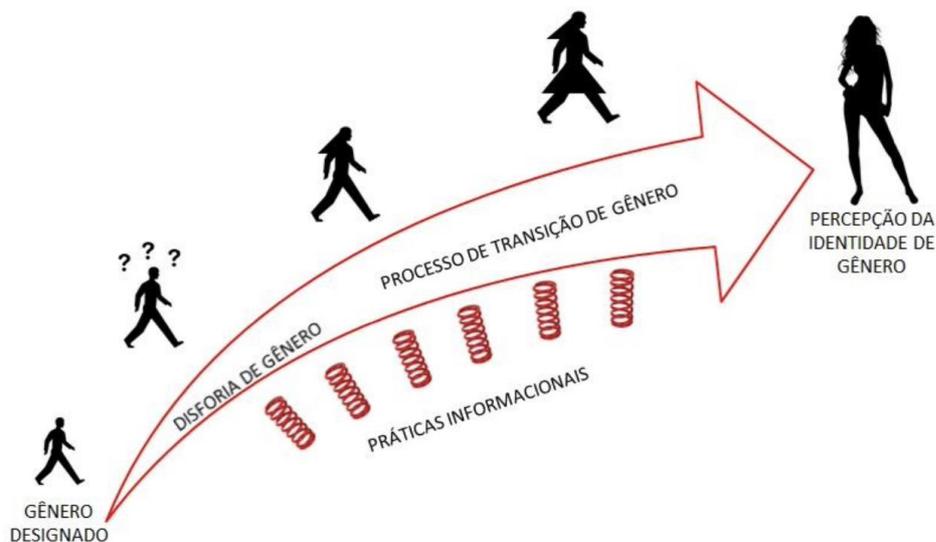
### **3. Metodologia**

Para analisar a relação entre as práticas informacionais de mulheres transgênero e suas percepções sobre suas identidades de gênero, adotou-se um modelo conceitual. Case e Given (2016) alegam que modelos conceituais contribuem para a análise de problemas por meio de focos específicos. Além disso, norteia o delineamento da pesquisa. Para tal, fundamentou-se em dois aspectos: i) seleção de conceitos específicos relacionados à temática; ii) relações relevantes entre os conceitos. Os conceitos selecionados foram:

- a) Gênero designado: atribuído durante a gestação/nascimento (Maranhão Filho, 2012);
- b) Disforia de gênero: quando o indivíduo não se sente confortável com o gênero atribuído;
- c) Transição de gênero: processo de transição entre o gênero designado e o gênero que traz sensação de pertencimento (Bento, 2011);
- d) Identidade de gênero: sensação de pertencimento a um gênero (Jesus, 2012);
- e) Práticas informacionais: relações entre necessidades de informação e comportamentos de busca, acesso e uso influenciados pelas relações e pelo meio social (Wilson, 2000; Choo, 2006; Martinez-Silveira; Oddone, 2007).

Em seguida, no tocante à construção de relação entre os conceitos, pode-se observar, de acordo com a teoria embutida no modelo, que durante a gestação e/ou nascimento atribui-se um gênero aos indivíduos (com base em características sociais). Ao longo da vida, as mulheres transgênero percebem que existe uma disforia entre o gênero atribuído e a forma como se percebem e, a partir daí, têm necessidades de informação e empregam comportamentos de busca, acesso e uso. Esses comportamentos são influenciados pelas interações e pelo meio social. Em síntese, as práticas informacionais emanam condições que viabilizam a constatação da disforia, transição e percepção de gênero, como demonstrado na Figura 1, a seguir.

Figura 1 - Relação entre práticas informacionais e a percepção da transição de gênero



Fonte: elaboração própria.

Em relação à caracterização da pesquisa, este estudo adota postura construtivista e abordagem qualitativa. Segundo Crotty (1998), o construtivismo: a) apresenta a ideia de que significados são construídos por seres humanos à medida em que se envolvem com o mundo em que interpretam; b) considera que os seres humanos se encaixam em seu mundo e extraem sentido disso a partir de perspectivas históricas e culturais; 3) destaca que a geração de significados é sempre social e ocorre a partir da interação com a comunidade humana. O propósito, por sua vez, é descritivo. De acordo com Hernández Sampieri, Fernández Collado e Baptista Lucio (2013), a pesquisa descritiva é útil para evidenciar ângulos e dimensões de fenômenos, situações, contextos e comunidades.

Flick (2009) considera que a amostragem na pesquisa qualitativa pode seguir lógicas distintas. Esta pesquisa adotou como técnica de amostragem a "bola de neve". Nesse tipo de amostragem, participantes são pré-selecionados e são encarregados de sugerir outros participantes com características em comum para participar da pesquisa. Após as indicações, a amostragem foi composta por 8 mulheres em processo de transição de gênero (M1-M8).

Em seguida, para a coleta de dados, utilizou-se o método de levantamento e como técnica a entrevista semiestruturada. Tal decisão foi fundamentada na afirmação de Kvale (1996), que diz que os dados de entrevista apresentam a compreensão do mundo sob o ponto de vista do entrevistado, levando em consideração suas experiências e descobertas do mundo em que vivem.

Por fim, para a análise dos dados utilizou-se a codificação temática, sugerida por Flick (2009) e Creswell (2010) para estudos qualitativos. A codificação temática foi desenvolvida para pesquisas em que os participantes são provenientes da questão de pesquisa. Na análise temática, Flick (2009) sugere que os dados centrais sejam descritos e interpretados à luz da literatura, como será demonstrado posteriormente.

#### **4. Discussão dos resultados**

Foram elaborados dois conjuntos de dados. O primeiro diz respeito às práticas informacionais das participantes do estudo. O segundo é a relação entre tais práticas e a identidade de gênero.

#### 4.1 Necessidades de informação

Inicialmente, as participantes do estudo foram inquiridas sobre as necessidades de informação mais relevantes ao longo do processo de transição de gênero.

**M1:** primeira necessidade foi a de saber o que estava acontecendo comigo porque eu não entendia o porquê de aquilo estar acontecendo comigo. Eu podia fingir, podia negar... Então, eu tinha a necessidade de conhecer uma pessoa, um grupo, um centro que fale sobre isso... Eu não tive, infelizmente. Eu não tinha aonde buscar. Tive que buscar na internet, sozinha, e caí em sites que me direcionaram para lugares totalmente diferentes.

**M2:** Quando você começa a ler você passa a entender que você está passando por esse processo você “entra em questionamento”: por que isso está acontecendo comigo? Aí vem a questão de negação, pois é um processo muito doloroso. Então, as minhas necessidades de informação começaram a aumentar, eu passei a pesquisar mais. Eu tinha a necessidade de conhecer mais. Eu me políco muito para não ficar paranóica de que para ser trans você tem que ser extremamente feminina, não pode ter nenhum traço masculino, tem que colocar prótese nos seios, tem que fazer cirurgia de redesignação.

**M7:** Inicialmente eu tinha dificuldades de encontrar um termo para mim. A gente sente a necessidade de se enquadrar em alguma coisa, ser de algum grupo, entrar em uma gaveta etc. A partir do momento que eu encontrei o meu grupo, que eu me achei, a minha necessidade posterior foi saber como eu me transformaria nessa pessoa que eu sou.

Evidencia-se, portanto, que as necessidades de informação das mulheres estão ordenadas em dois tipos: 1) necessidade de compreensão do que estava acontecendo; 2) necessidade de ajustar o corpo físico ao gênero com o qual se identificavam. Como destacado por Choo (2006), necessidades de informação podem ser sentidas inicialmente em nível visceral, o que traz a sensação de dúvida/incerteza. Mas, também, como pontuado por Saracevic (2009), existem em estado social, isto é, elas partilhavam de necessidades de informação semelhantes.

#### 4.2 Busca da informação

Em seguida, foram questionadas sobre onde e como buscavam informações. De acordo com as mulheres, a internet sempre foi a fonte mais recorrente de busca de informação.

**M1:** mais uma vez eu fui à internet, mas eu já tinha conhecimento sobre o que poderia me ajudar. Como eu estava na UnB, lá no Darcy têm muitas pessoas trans que já passaram pelo processo. Eu consegui, lá na UnB, o contato de outras meninas trans, fui ao ambulatório trans... Eram outras vivências, pessoas que já passaram pelo processo.

**M3:** eu procurava muito na internet porque o acesso era mais fácil pra mim, mas no começo eu acho que usava nomenclaturas muito difíceis.

**M4:** primeiro foi na internet, no Youtube. Eu comecei vendo vídeos, depois eu fui para um grupo no Facebook, onde falavam sobre hormônios.  
**M7:** na internet. No SciELO, YouTube, sites de notícia.

Observa-se, portanto, que o processo de busca da informação é marcado pela interação dos indivíduos com canais, sistemas e fontes de informação, como dito por Wilson (2000). E, embora tenha sido citada como principal fonte de informação, as formas de busca na internet foram distintas, como é possível observar nos depoimentos da M1 e M3.

Também foram questionados os meios e estratégias utilizados durante a busca. Nesse contexto, as respostas foram mais diversificadas. Acredita-se que isso se dá por conta das barreiras que limitam a busca, sejam elas de natureza demográfica, social ou econômica.

**M2:** as minhas buscas eram muito naturais. No caso das informações que eu recebia de outras pessoas era bastante natural. Lembro do caso em que um amigo de uma garota trans veio me elogiar, começamos a conversar e fomos embora do evento juntos. No caminho eu perguntei: Como foi a sua hormonização? Quais os hormônios que você tomou? Aí ela foi me explicando... Algo bem natural.

**M3:** como eu não tinha acesso à informação sobre pessoas trans, eu buscava com base no que a sociedade me passava e, por isso, sempre recuperava coisas esdrúxulas, como "homem que se veste de mulher". Eram realmente informações rasas, estereotipadas, pejorativas.

**M4:** como eu pesquisava mais sobre hormônios, eu colocava o nome dos hormônios que eu já conhecia. Eu pesquisava sobre os procedimentos cirúrgicos também porque eu queria saber como era feito.

**M7:** eu usava o Google. Eu colocava umas palavras chaves lá e fazia a pesquisa.

**M8:** eu digitava no Google "terapia hormonal trans", aí aparecia tudo o que eu precisava. No grupo do Facebook foi mais fácil porque a todo o momento chegavam informações até mim sem que eu precisasse buscar.

Pode-se observar que as mulheres empregavam diversas estratégias para buscar informação. Como mencionado por Choo (2006), os indivíduos buscam informação de diferentes formas, pois existem variáveis em questão, como o conhecimento, as experiências de busca anteriores, o meio social em que estão inseridos etc. Na fala delas, observa-se também a busca passiva de informação, termo cunhado por Wilson (2000).

Em seguida, foram indagadas sobre as formas de acesso para a recuperação da informação. Como a internet foi fortemente mencionada anteriormente, foi consenso de que os dispositivos eletrônicos foram os mais utilizados para acessar informações.

**M1:** a internet, as redes sociais.

**M2:** internet e pessoas.

**M4:** computador e celular. Mais o celular.

**M5:** olha, sempre foi a internet. A internet é um meio que veio para desbancar qualquer outro tipo de busca porque é muito fácil, prático e ágil.

**M6:** celular e livros. Eu gosto do rústico, de sentir o livro, o cheiro. Então as informações vieram através dos livros e do celular.

**M8:** sempre internet. Google ou Facebook.

Nesse caso, está mais evidente o que Wilson (2000) chama de “interação física”. No nível humano, o autor cita por exemplo o uso do *mouse* para abrir e fechar janelas. Há também o uso de celulares e de livros. As mulheres foram ainda questionadas sobre o porquê de terem escolhido as formas de acesso supracitadas.

**M1:** acho que pela facilidade de não precisar se deslocar. Eu, por exemplo, até o meio do ano morei em Formosa. Lá não é fácil encontrar esses tipos de informação. Então a internet foi sempre meu porto seguro.

**M2:** porque era mais fácil e estava mais acessível. Porque se você for observar em revistas e jornais raramente tem algo sobre pessoas trans.

**M3:** eu preferi pela internet e pela televisão porque foi um período em que *eu* fui bombardeada de informação.

**M4:** porque é mais fácil. Às vezes estamos no ônibus e lemos alguma coisa. Com o celular já podemos pesquisar, não é necessário esperar chegar em casa. É muito moderno.

**M8:** pela facilidade em se conseguir informação. Também por ter muitas fontes, então eu podia pesquisar e ter acesso a diversas opiniões e trocas de experiência, principalmente no Facebook.

Nessa questão elas discorrem sobre as barreiras informacionais. E, por isso, apontam a internet como meio mais fácil de acesso. Jardine (2013), aponta em seu artigo *Information inclusive for trans persons* que as barreiras em centros de informação afetam, sobretudo, pessoas transgênero. Nesse contexto, a autora considera que as bibliotecas e centros de informação precisam ser convidativos e inclusivos para chamar a atenção dos usuários LGBT.

### 4.3 Uso da informação

Posteriormente, as mulheres foram inquiridas sobre a finalidade do uso da informação. As respostas demonstraram três finalidades: a) compreensão da transgeneridade; b) início do processo de transição; c) compartilhar conhecimento sobre o processo de transição de gênero.

**M1:** no começo foi para eu me entender, me aceitar. Esse processo de aceitação é muito complicado, muito singular. Acho que foi mais para me adequar ao que eu buscava, a minha necessidade.

**M2:** o que mais marcou na questão do uso foi a hormonização porque a gente sabe que é com a hormonização que o nosso corpo vai mudar. Eu lembro que a primeira vez que eu fui num endocrinologista foi péssimo. Eu fui, fiz duas consultas com ele e aí fui conversar com as minhas amigas. E elas me auxiliaram “faz assim”, “não faz isso”, “vai por ali” etc. Depois eu procurei por outro profissional, foi quando eu encontrei a minha atual médica. A partir dessas informações eu tive que tomar decisões sozinha.

**M4:** o uso foi para eu começar a tomar o melhor hormônio para o meu organismo, mas também para passar informações para outras pessoas.

**M6:** ah, espalhar, né?! Avisar para as outras pessoas que uma gay empoderada não é motivo de piada. Que não é “traveco”, é travesti. Que uma mulher trans não precisa ter pênis ou vagina. Que nem todas as lésbicas são masculinas.

**M8:** para ajustar a minha hormonização.

As respostas indicam que o uso da informação foi fundamental para o processo de tomada de decisão. É possível traçar um paralelo com as classificações do uso da informação de Taylor (1986). Na categoria "esclarecimento", a informação é utilizada para criar contextos, promover significados a situações e responder a questões, correspondendo ao relatado pela M1, que utilizou a informação para compreender o que era transgeneridade. Já na categoria "instrumental", a informação é utilizada para auxiliar o indivíduo a tal ponto que ele seja capaz de saber o que/como fazer algo. Foi o que ocorreu com a M4 que, conforme seu relato, utilizou as informações para decidir qual seria o melhor hormônio para seu corpo. Na categoria "pessoal/política", a informação é utilizada para criar relações, promover status ou satisfação pessoal, o que é possível observar na fala da M6, em que o uso da informação e a incorporação de novos conhecimentos fez com que ela orientasse outras pessoas sobre referir-se corretamente a uma travesti.

#### 4.4 Informação e identidade

Por fim, foi solicitado às mulheres que refletissem sobre a relação entre as práticas de busca e uso da informação e a forma como se enxergavam atualmente. As respostas apresentam aspectos da relação entre as práticas informacionais e a identidade de gênero.

**M1:** bom, desde o começo as informações me ajudaram a ir me encontrando, me descobrindo como mulher, como pessoa trans. Mas acho que todas as informações que eu tive somadas a todas as minhas vivências foram mudando algumas coisas em mim. Foram me fazendo perceber outros valores e outras coisas na vida. Então, sim, *foram* muito importantes as informações que eu tive, tanto as boas como as ruins.

**M2:** sem dúvida. As informações que eu tive me ajudaram muito porque além de me ajudarem a esclarecer o que eu estava sentindo, passando, me ajudaram também a não criar a busca pela "mulheridade". Ao mesmo tempo em que você lê muita besteira, têm pessoas que tem o pensamento parecido com o seu, sabe?! Você percebe que não está sozinha.

**M3:** Acho que ter acesso às informações, principalmente informações de empoderamento, de inclusão, de suporte, com certeza fizeram parte da minha formação como mulher porque *ajudaram a formar a minha personalidade e a minha identidade*.

**M4:** Com toda certeza! As informações que eu obtive durante esse tempo todo, desde o primeiro instante que eu tive informações sobre trans até hoje, ajudam a me tornar cada dia mais mulher: informações sobre hormônio, procedimentos, comportamentos, tudo. Com certeza as informações me tornaram a mulher que eu sou hoje.

**M5:** Não tem como passar por um processo ou alcançar algo que você quer se você não tem conhecimento. Eu diria que seria até impossível. Eu mesma, eu busquei informações, eu procurei, eu percebi que se eu não tivesse isso, eu não teria chegado a forma como estou hoje.

**M6:** Bom, todas as informações que eu obtive até agora me ajudaram a ser a pessoa que eu sou. Tanto em questão social como em me reconhecer como pessoa trans. Eu creio que as informações ainda irão me ajudar bastante.

**M7:** Com certeza! As informações foram extremamente importantes, mas o meio o qual eu consegui as informações foi a revolução. A informação estava sendo produzida, mas não era acessível a todos. Com o advento da internet, a disseminação do conhecimento e a possibilidade de agremiações de pessoas por afinidades e características ficaram mais fáceis. (...) Me ajudaram muito, me fizeram sair da caverna que eu estava.

**M8:** Não a ser a mulher que sou, pois isso eu já era antes mesmo de iniciar os tratamentos. Mas ajudaram a me manter saudável durante esse processo.

Percebe-se, portanto, que as informações a que tiveram acesso ao longo do processo de transição de gênero exerceram papel importante na identificação de quem são atualmente. Isso confirma o que Pohjanen e Kortelainen (2016) relataram em seu estudo realizado na Finlândia. De acordo com as autoras, as informações às quais pessoas transgênero têm acesso ao longo do processo de transição contribuem para a “evolução” do processo.

Uma vez identificadas as necessidades e os comportamentos humanos relacionados à busca e uso da informação ao longo do processo de transição de gênero, surgiram elementos capazes de demonstrar as relações entre as práticas informacionais de mulheres transgênero e suas percepções sobre suas identidades de gênero. Tais elementos foram transformados em categorias e analisados com base na literatura e o modelo conceitual proposto nesta pesquisa. As categorias serão elencadas a seguir.

**Incerteza:** Antes do primeiro contato com informações sobre o tema transgeneridade, as mulheres se sentiam perdidas, desencaixadas e com a sensação de que algo estava incompleto. Elas tinham necessidades de informação, porém como relatado pela M5, seu conhecimento era zero. Isso demonstra que, antes desse contato inicial, os sentimentos eram vagos, de dúvida e incerteza. A partir daí, elas elaboraram suas necessidades de informação e, em seguida, obtiveram primeiro contato com o tema.

**Primeiro contato com o tema transgeneridade:** De acordo com todas as participantes da pesquisa, o primeiro contato aconteceu por meio da internet. Como relatado pelas mulheres, elas buscavam na internet por informações que contribuíssem para seu desenvolvimento cognitivo e físico, uma vez que grande parcela de suas buscas estava associada à transição de gênero.

**Resultados do primeiro contato com o tema transgeneridade:** Os resultados foram polarizados: aceitação ou rejeição. No caso da aceitação, as participantes explicaram ter entendido o que estava acontecendo (que eram pessoas transgênero) e, a partir daí, perceberam

que não estavam sozinhas e que outras mulheres já haviam passado pelo mesmo processo. Em contrapartida, no segundo caso, as mulheres relataram ter receio da discriminação, pois não conseguiam visualizar a transformação de um corpo com traços masculinos em um corpo com características femininas.

**Práticas informacionais:** Durante os contatos com o tema, as mulheres se engajam em práticas informacionais intensas, a fim de obter conhecimento sobre como lidar com as questões identitárias, tal como adequar seus corpos às suas percepções de identidade. Ao longo desse processo, elas percebem que informações sobre disforia, transgeneridade e processo de transição de gênero são escassas, mas percebem também que outras pessoas transgênero, médicos, psicólogos, podem ser fontes de informação e, dessa forma, auxiliar na construção de suas identidades via compartilhamento de conhecimento.

**Necessidade de informação:** De acordo com as mulheres, as necessidades de informação avançavam conforme o estágio em que estavam na transição de gênero. Por exemplo, em um primeiro momento, as necessidades estavam associadas ao porquê de isso estar acontecendo e, posteriormente, estavam relacionadas a questões corporais, como hormônios, procedimentos estéticos e cirúrgicos.

**Busca da informação:** As mulheres relataram buscar informações sobretudo na internet (Facebook, YouTube, SciELO etc.). Para tal, empregavam palavras-chave em páginas de busca. Além disso, disseram também receber informações de outras pessoas transgênero.

**Uso da informação:** Segundo relatado pelas participantes do estudo, o uso da informação durante o processo de transição tinha três finalidades: i) compreensão da situação; ii) início da transição de gênero; iii) disseminação de informações sobre o tema. A M4 relatou que foi a partir do uso da informação que ela pôde construir conhecimento e as mudanças físicas em seu corpo.

**Informação e identidade:** Foi possível perceber que ao longo do processo de transição de gênero, as mulheres não conseguiam ter acesso a todas as informações que necessitavam. E, na visão delas, grande parcela das informações a que tiveram acesso são incompletas e superficiais. Contudo, ainda consideram que as informações obtidas na internet e por meio de outras pessoas transgênero contribuíram fortemente durante o processo.

Por fim, as participantes do estudo pontuaram a importância das informações para a construção de suas identidades. Das 8 mulheres, 7 consideram que a informação foi primordial

ao longo do processo de transição. Isso é evidenciado quando a M3 destaca que as informações a que teve acesso auxiliaram não apenas na formação de sua personalidade, mas também na construção de sua identidade como mulher transgênero.

## 5. Considerações finais

Esta pesquisa identificou a relação entre as práticas informacionais de mulheres transgênero e suas percepções sobre suas identidades de gênero. Foi possível observar que, ao identificarem a disforia de gênero (necessidade de informação), as mulheres se engajaram em práticas de busca e uso da informação. Ademais, à medida que empregaram tais práticas passaram a construir também suas identidades de gênero.

As necessidades de informação de mulheres transgênero estão associadas às percepções de quem são e à construção física. Ao longo do processo, interagem com informações obtidas em diversas fontes de informação, como internet, livros, revistas, jornais, programas de televisão, profissionais da área da saúde e outras pessoas transgênero. O acesso e a apropriação das informações auxiliam as mulheres transgênero na compreensão do que são e como podem expressar suas identidades de gênero. É com base nessas informações que elas decidem sobre o uso da terapia hormonal, se devem ou não realizar o procedimento de redesignação sexual, colocar implantes de silicone nas mamas, entre outros.

Pode-se inferir, portanto, que o envolvimento com a informação foi fundamental para se enxergarem como as mulheres que são atualmente. Neste contexto, ressalta-se o depoimento da M3. De acordo com ela, as informações a que teve acesso foram responsáveis pela formação de sua identidade e personalidade. A percepção da identidade de gênero é semelhante àquela proposta por Butler (2003), em que o gênero é uma construção social baseada na cultura. E, portanto, as identidades de gênero das mulheres transgênero se apoiaram em práticas informacionais, fundamentadas em aspectos sociais, culturais e políticos.

## Referências

- ADAMS, S. S.; PEIRCE, Kate. Is there a transgender canon? Information seeking and use in the transgender community. *In: ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN ASSOCIATION OF INFORMATION SCIENCE*, 2006, Toronto. **Proceedings** [...]. Toronto: CAIS, 2006. p. 1-7.
- BERTI, I. C. I. W.; ARAÚJO, C. A. A. Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando? **Informação e Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 389-401, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31462>. Acesso em: 06 jun. 2023.
- ARAÚJO, C. A. Á. O que são práticas informacionais?. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. esp., p. 217-236, out. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655>. Acesso em: 06 jun. 2023.
- BENTO, B. Política da diferença: feminismos e transexualidades. *In: COLLING, L. (Org.). Stonewall 40+ o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011. p. 79-110.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASE, D. O.; GIVEN, L. M. **Looking for information: a survey of research on information seeking, needs, and behaviour**. United Kingdom: Emerald, 2016.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- CHOO, C. W. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2006.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CROTTY, M. **The foundations of social research: meaning and perspective in the research process**. London: Sage, 1998.
- DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades pessoais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HERNÁNDEZ SAMPIERI, R.; FERNÁNDEZ CALLADO, C.; BAPTISTA LUCIO, M. P. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- JARDINE, F. M. Inclusive information for trans\* persons. **Public Library Quarterly**, v. 32, n. 3, p. 240-262, 2013.
- JESUS, J. G. **Orientação sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.

KVALE, S. **Interviews: an introduction to qualitative research interviewing**. London: SAGE, 1996.

MARANHÃO FILHO, E. M. A. “Inclusão” de travestis e transexuais através do nome social e mudança de prenome: diálogos iniciais com Karen Schwach e outras fontes. **Oralidades**, v. 6, n. 11, p. 90-115, jan./jul., 2012.

MARTÍNEZ-SILVEIRA, M.; ODDONE, N. Necessidades e comportamento informacional: conceituação e modelos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 118-127, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1182>. Acesso em: 06 jun. 2023.

POHJANEN, A. M.; KORTELAJINEN, T. A. M. Transgender information behaviour. **Journal of Documentation**, v. 72, n. 1, p. 172-190, 2016.

ROSALDO, M. Z. A mulher, a cultura e a sociedade: uma revisão teórica. In: ROSALDO, M. Z.; LAMPHERE, L. (Org.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979. p. 33-64.

SARACEVIC, T. Information science. In: BATES, M. J.; MAACK, M. N. (Org.). **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Taylor & Francis, p. 2570-2586, 2009.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 73-102.

TAYLOR, R. S. **Value-added processes in information systems**. Norwood: Ablex Publishing, 1986.

VENCATO, A. P. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. **Cadernos AEL**, v. 10, n. 18-19, p. 189-213, 2003.

WILSON, T. D. Human information behaviour. **Informing Science**, v. 3, n. 2, p. 49-55, 2000.

Artigo submetido em: 15 set. 2022

Artigo aceito em: 31 jul. 2023